

Identificação com o grupo: adaptação e validação de uma medida geral para o contexto brasileiro¹

Group identification: adaptation and validation of a general measure for the Brazilian context

João Fernando Rech Wachelke²

RESUMO: Para muitos fenômenos psicossociais que envolvam grupo e indivíduo, é necessário que o indivíduo sinta-se como parte do grupo, que perceba a importância de uma pertença grupal, para que a instância coletiva possa influenciar seu comportamento ou pensamento. A identificação grupal é um construto que se define pela medida da força de conexão de indivíduos com um grupo a que pertencem. Há medidas de diversos tipos para a identificação grupal, geralmente no formato de escalas de Likert, mas não se encontram medidas genéricas validadas para o contexto brasileiro. Este trabalho buscou propor uma medida simples constituída pela tradução e adaptação de alguns itens já consagrados na literatura internacional e validá-la. Foram escolhidos seis itens de medidas de identificação grupal utilizadas em estudos internacionais. Itens adaptados para medir a identificação com jovens e estudantes universitários foram incluídos no instrumento de uma pesquisa com coleta de dados pela internet, realizada junto a 1203 universitários de sete estados brasileiros; 65% dos participantes eram mulheres, com média de idade 21 anos. Análises exploratórias, confirmatórias e índices de confiabilidade apontaram que os itens comportam-se bem como uma escala unidimensional para os dois grupos de referência avaliados. Constitui, portanto, um instrumento para inclusão dessa variável em pesquisas mesmo que reconhecendo espaço para melhoria dos itens e possibilidade de mensuração multidimensional.

Palavras-chave: identificação grupal; construção de medidas; escalas psicométricas; identidade social; representações sociais.

ABSTRACT: For various psychosocial phenomena that involve groups and individuals, it is necessary that the individual feels to be part of the group and perceives the importance of group belonging, so that the group instance can influence behavior and thinking. Group identification is a construct defined by the measure of the connection force of individuals with a group that they belong to. There are many kinds of group identification measures, usually in Likert format, but no generic measures validated for the Brazilian context are found. This work has proposed a simple measure consisting in the translation and adaptation of some items that are well known in the international literature and to validate it. Six items of group identification measures employed in international studies were chosen. Items adapted to measure the identification with young people and university undergraduate students were included in the instrument of a study with data collection through the internet, carried out with 1203 undergraduates of seven Brazilian states; 65% of the participants were women, with a mean age of 21 years old. Exploratory and confirmatory analyses and reliability indexes pointed out that the items work well as a one-dimensional scale for the assessed reference groups. The scale is then an instrument for the inclusion of such variable in research, even acknowledging that there is space for the improvement of items and the possibility to conduct multidimensional measurement.

Keywords: group identification; measure construction; psychometric scales; social identity; social representations

¹ Pesquisa financiada pelo CNPq

² Professor adjunto do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia – São Paulo, Brasil. E-mail: wachelke@yahoo.com.

A psicologia social, desde seu surgimento, configurou-se como uma área de ligação entre fenômenos de interesse de duas disciplinas: a psicologia, ciência do indivíduo, e a sociologia, ciência da sociedade e coletividade (Moscovici, 1984; Camino & Torres, 2011). A relação entre indivíduo e sociedade pode ser abordada de acordo com quadros teóricos e metodológicos distintos em termos de proximidade com os polos de interesse individual e coletivo, em decorrência de filiações departamentais e modelos de ciência, o que acarreta em grande diversidade de projetos de psicologia social, alguns mais psicológicos, outros mais sociológicos (Farr, 1998).

Moscovici (1984) propõe que o fator diferencial da psicologia social enquanto disciplina é seu olhar ternário, isto é, considerar o fenômeno psicossociológico metaforicamente como um triângulo com três vértices: o Ego, o sujeito psicológico; o Alter, outro, e o Objeto, a realidade empírica. A especificidade da psicologia social estaria no fato de que o sujeito psicológico seria avaliado sempre em termos de influência do outro em sua relação com o mundo.

Adicione-se a isso o entendimento de que a psicologia social constitui-se, devido à sua natureza de área que realiza a ligação entre fenômenos de esferas de níveis de agregação diferentes (individual e coletivo), em projeto que permite identificar ao menos quatro níveis de explicação (Doise, 1982): intra-individual, interpessoal, posicional ou intergrupal e societal. O nível intra-individual compreende geralmente os processos de conhecimento do indivíduo em sua relação com o mundo social; o nível interpessoal dirige-se a processos específicos de interações entre pessoas de um mesmo grupo; o nível posicional reflete processos determinados por diferenças nas posições ocupadas por indivíduos na estrutura social em termos da malha intergrupal; e o nível societal aborda a modulação ideológica e da sociedade em nível mais amplo direcionando os processos psicológicos de nível mais micro. Em cada um desses níveis, assim, seria igualmente necessária a existência de uma relação triádica envolvendo de algum modo o sujeito, o outro e a realidade social. A estruturação de um projeto científico desconsiderando-se algum desses três elementos apontaria mais provavelmente para um empreendimento disciplinar “puro”, psicológico ou sociológico, e não seria portanto parcimonioso falar de psicologia social em tal caso.

Se a ligação entre sujeito e outro, Ego e Alter, é característica essencial da psicologia social, em que termos pode ser teorizada? O Outro é a instância que se refere ao grupo em psicologia social, seja ao enfocarmos o grupo próprio (*ingroup*) ou algum outro grupo; ou, sob outra perspectiva, o meio social mais próximo, o “outro significativo” de Mead (1934) ou a sociedade de modo geral, o “outro generalizado”, noção proposta pelo mesmo autor. Mas se há necessidade de estabelecer um mecanismo por meio do qual possa ocorrer uma transferência ou influência de conhecimento ou outros aspectos psicológicos a partir da constatação de existência dessa realidade coletiva, surge a questão: como tratar das relações entre instâncias coletivas e individuais, no que diz respeito a conhecimento, ação, e afeto, alguns dos domínios principais relativos aos processos psicológicos?

Nesse ponto a noção de pertença grupal parece resolver a situação; é necessário que o indivíduo pertença a algum grupo, categoria ou coletividade para que faça sentido uma articulação entre as esferas individual e coletiva. Mas somente pertencer não é o suficiente; a psicologia social tende a priorizar fenômenos que impliquem os chamados grupos reflexivos, isto é, grupos cujos membros categorizem-se como membros e entendam-se como participantes da instância coletiva, opondo-se aos grupos nominais, agregados taxonômicos obtidos a partir da constatação de regularidades de seus membros independentemente do sentimento psicológico de pertença. Essa distinção entre grupos psicológicos e nominais deve-se a Wagner (1994).

O sentimento psicológico de pertença traduz-se pelos processos de identidade social, que conforme Tajfel (1972, p. 292) é o “conhecimento do indivíduo de que pertence a certos grupos sociais junto com a significância emocional e de valor para ele dessa pertença grupal”. A identidade social tornou-se o aspecto principal de uma abordagem mais ampla (Hogg & Abrams, 1988); conforme essa perspectiva psicossociológica, a instância grupal é definida cognitivamente; o grupo “age” ou “influencia” os indivíduos na medida em que as pessoas têm um autoconceito que inclua sua pertença grupal (Hogg, 2006).

Em revisão sobre estereótipos e processos cognitivos, Marques e Paéz (2010) apontam que o entendimento de fazer parte de um grupo é a identificação social, uma segunda etapa-chave prevista na perspectiva da identidade social. Após categorizarem a si e aos outros em termos de pertenças grupais, as pessoas tornam-se cientes de suas pertenças grupais por meio da identificação.

Porém, essa identificação com o grupo, o entendimento de ter uma pertença grupal, não é uma variável binária simples “tudo” ou “nada”. As pessoas podem ter graus variáveis de identificação com certo grupo. De modo geral, pode-se dizer que identificação com o grupo diz respeito à força de implicação da pertença grupal de um indivíduo qualquer para com um grupo ou categoria social (Wachelke, De Andrade, Tavares & Neves, 2008).

Algumas definições da identificação com o grupo restringem-se ao caso de pequenos grupos com interações reais, como é o caso de Bouas e Arrow (1996) que indicam que identificação com o grupo seria uma consciência de atração para um grupo interativo de membros interdependentes, pelos membros do grupo. Outras mostram-se mais compatíveis com as noções de grupo cognitivo e categoria social, como por exemplo a de Fisher e Wakefield (1998): identificação grupal seria simplesmente a medida da força de conexão do indivíduo com um grupo. De acordo com Leach *et al.* (2008), essa é a concepção geral que tradicionalmente foi empregada em psicologia social, a de uma conexão geral com o grupo próprio (*in-group*). Kiesner, Cadinu, Poulin e Bucci (2002) sugerem que a identificação grupal possa ser concebida em termos de importância subjetiva do grupo para o indivíduo, a partir de sentimentos de orgulho e envolvimento sentidos para com o grupo.

Trata-se assim de uma força de ligação, de uma intensidade de como a pertença é vivenciada pelo indivíduo acerca de uma de suas pertenças grupais. Assume-se que todos os indivíduos identificam-se com diversas categorias sociais (Tajfel, 1973) e que conforme o contexto situacional pertenças diferentes tornam-se salientes e passam a afetar a cognição e comportamento individuais, aspecto chave da abordagem da identidade social (Hogg, 2006).

A identificação grupal é uma variável central para entender processos intra e intergrupais e a relação entre cognição e comportamento em psicologia social. A título de ilustração, alguns dos fenômenos em relação aos quais foram identificadas associações pertinentes com a identificação são: diferenciação intergrupo (Jetten, Spears & Manstead, 1997), status intergrupar (Doosje, Spears & Ellemers, 2002), atribuição de causas ao sucesso e fracasso (De Cremer, 2000), percepção da complexidade intergrupar (Wann & Branscombe, 2011), ameaça ao grupo próprio (Moskalenko, McCauley & Rozin, 2006), eficácia do grupo (van Zomeren, Leach & Spears, 2010), intenção de respeitar normas grupais (Terry & Hogg, 1996), infra-humanização (Demoulin *et al.*, 2009), orientação para a dominância social (Morrison & Ybarra, 2008) e apoio ao multiculturalismo e direitos das minorias (Verkuyten, 2009).

Em termos de medida, classicamente a identificação grupal é medida por itens únicos ou escalas refletindo um único construto, a força de conexão com os grupos. Em termos de escalas unidimensionais, alguns exemplos de itens seriam: de Kiesner *et al.* (2002),

abordando importância e orgulho inspirados pelo grupo: “é importante para você pertencer ao grupo?”¹; “você está orgulhoso de ser parte desse grupo?”, respondidas em escalas de Likert de 10 pontos de “não, nem um pouco” a “sim, muito”. Terry e Hogg (1996) adaptaram medidas de Brown, Condor, Mathews, Wade e Williams (1986) e Hogg, Cooper-Shaw e Holzworth (1993), medindo basicamente a força de identificação com o grupo de referência (“quanto você se identifica com seus amigos e pares na universidade?”) e sentimento de pertença ao grupo (“quanto você vê a si mesmo pertencendo ao seu grupo de amigos e pares na universidade?”), com respostas de 1, “não muito” a 7, “sim, muito”. Doosje, Spears e Ellemers (1995) utilizaram quatro itens com respostas de 1, “nem um pouco” a 7, “muito”: “vejo a mim mesmo como um estudante de psicologia”, “agrada-me ser um estudante de psicologia”, “sinto laços fortes com estudantes de psicologia” e “identifico-me com outros estudantes de psicologia”.

Mais recentemente a mensuração e teorização sobre identificação grupal vêm se sofisticando; algumas medidas tem optado por uma abordagem multidimensional. Duckitt, Callaghan e Wagner (2005) validaram uma escala de identificação com grupos étnicos com quatro fatores: vínculo, o grau com que uma pessoa afirma ou rejeita sua pertença ao grupo; saliência, a consciência por parte dos membros do grupo de sua pertença grupal e importância; envolvimento, o grau com que as pessoas se sentem envolvidas ou têm afinidade por costumes e práticas de grupo; e atitudes intergrupais, avaliações frente a outros grupos. Bhowon e Tseung-Wong (2004), por sua vez, também investigando identificação com grupos étnicos, mediram identificação grupal com base em três domínios em que se expressa ou ocorre a identificação: afetiva, cognitiva e avaliativa.

Um modelo mais integrativo é apresentado por Leach *et al.* (2008), que obtiveram confirmação de um modelo hierárquico e multicomponente da identificação grupal. Segundo o modelo dos autores, validado por análises confirmatórias, a identificação grupal tem cinco componentes distintos que se ajustam a duas dimensões maiores: a autodefinição no nível do grupo e o autoinvestimento no nível do grupo. A autodefinição relaciona-se à percepção individual de ser semelhante a um protótipo do grupo próprio e também de perceber coisas em comum com os membros do grupo. Assim, os dois componentes dessa dimensão são a autoestereotipia individual (“tenho muito em comum com uma pessoa padrão do grupo”) e homogeneidade intragrupal (“as pessoas do grupo têm muito em comum umas com as outras”). Já o autoinvestimento refere-se aos sentimentos positivos sobre a pertença grupal e o sentimento de ter uma conexão com o grupo, bem como à saliência e importância da pertença grupal. Seus componentes são solidariedade (“sinto-me comprometido com o grupo”), satisfação (“fazer parte do grupo me dá uma boa sensação”) e centralidade (“o fato de que faço parte do grupo é uma parte importante da minha identidade”). A medida multicomponente emprega 20 itens, a maior parte adaptados de medidas de outros autores, identificadas após revisão de literatura, com respostas Likert de 1, “discordo fortemente” a 7, “concordo fortemente”.

No Brasil algumas pesquisas também empregaram medidas do construto de identidade grupal. Em estudo correlacional sobre valores humanos, preferência musical, identificação grupal e comportamento antissocial, Pimentel (2004) construiu duas escalas para medir identificação com grupos de relacionamento importantes para adolescentes (pais, irmãos, familiares em geral, professores, vizinhos, companheiros de estudo) e com grupos alternativos (hippies, punks, skinheads, headbangers, skatistas, surfistas e funkeiros). Cada grupo constituiu um item, e os participantes indicavam o grau de identificação de 0, “nada”, a 4, “totalmente”. Ambas mostraram ter estruturas unifatoriais; a estrutura da escala e identificação com grupos alternativos foi posteriormente validada também com análise fatorial confirmatória (Pimentel, Gouveia & Fonseca, 2005).

Wachelke, De Andrade, Tavares e Neves (2008) abordaram a identificação de torcedores de futebol com seus times, adaptando uma escala mais geral (*Sport Spectator Identification Scale*) construída por Wann e Branscombe (1993) para o contexto do futebol. A escala é respondida como itens Likert de 7 pontos, com âncoras que variam. São sete itens com estrutura unifatorial, que versam sobre a autopercepção como torcedor, frequência de participação em atividades envolvendo o time, percepção que os outros têm do respondente como torcedor, importância de ser torcedor, entre outros aspectos. Dois exemplos de itens são: “quão importante é para você que seu time de futebol vença?”, de “não é importante” a “muito importante”; “quão fortemente você vê a si mesmo como um torcedor de seu time?”, de “não muito fortemente” a “muito fortemente”.

As medidas nacionais relatadas, de Pimentel (2004), Pimentel *et al.* (2005) e Wachelke *et al.* (2008) efetivamente são operacionalizações pertinentes para a identificação grupal, tendo sido incorporadas com sucesso em projetos específicos que envolviam a identificação como variáveis explicativas ou explicadas. Mas há uma carência de medidas mais gerais que possam ser adaptados para vários estudos, passíveis de fácil inclusão em investigações independentemente de peculiaridades dos grupos envolvidos.

O objetivo do presente estudo é adaptar e validar para o contexto brasileiro uma medida de identidade social que possa ser utilizada potencialmente com qualquer grupo de referência, baseada em itens clássicos da literatura em psicologia social. A existência de uma medida desse construto, válida e fidedigna, permitirá avaliar um aspecto importante da relação entre indivíduo e grupo, sofisticando pesquisas que trabalhem com essa ligação.

Mesmo reconhecendo o crescente refinamento da mensuração em identificação grupal com base em componentes hierárquicos, a intenção neste momento é de propor uma medida unidimensional e compacta. Uma medida com essa configuração possivelmente obterá parâmetros mais próximos se utilizada com uma diversidade de grupos, em comparação com um instrumento que aborde mais nuances do construto, incluindo suas inter-relações. Tal escolha também é justificada como uma eventual primeira etapa na instrumentação referente à identificação grupal, na ausência de uma medida mais simples.

Método

Construção do instrumento

Para a constituição do instrumento, foram selecionados seis itens presentes na literatura internacional sobre identificação com o grupo, apresentados no Apêndice de Leach *et al.* (2008). Os itens selecionados, após tradução do autor principal, fluente em língua inglesa, foram os seguintes (fontes originais dos itens entre parênteses): 1. “penso frequentemente sobre o fato de que sou um [membro do grupo]” (Cameron, 2004); 2. “vejo a mim mesmo como um [membro do grupo]” (Doosje, Branscombe, Spears & Manstead, 1998), 3. “o fato de que sou um [membro do grupo] é uma parte importante da minha identidade” (Luhtanen & Crocker, 1992), 4. “identifico-me com outros [membros do grupo]” (Doosje *et al.*, 1998), 5. “ser um [membro do grupo] é uma parte importante de como me vejo” (Doosje *et al.*, 1998; Luhtanen & Crocker, 1992), 6. “os [membros do grupo] são um grupo importante para mim” (Doosje *et al.*, 1998). Segundo Leach *et al.* (2008), os itens 1, 3 e 5 mediriam o componente de centralidade segundo o modelo hierárquico da identificação, enquanto que os itens 2, 4 e 6 são muito abrangentes, medindo mais de um componente, ou são vagos quanto ao componente avaliado.

A lógica para adaptação de itens de modo a potencializar o uso com diversos grupos foi a de substituir as expressões entre colchetes por nomes ou expressões referentes ao nome ou rótulo do grupo ou seus membros. Por exemplo, ao avaliar como grupo de referência o grupo de jovens, a expressão [membro do grupo] seria substituída por “jovem”; no caso de um grupo de referência “torcida do clube de futebol Flamengo”, essa expressão poderia ser substituída por “torcedor do Flamengo”, “flamenguista” ou outro nome equivalente.

Procedimento

Para coleta de dados foi empregada uma estratégia de coleta *online* com recrutamento presencial. Trata-se de um delineamento que visa aliar a agilidade e praticidade da coleta de dados de levantamentos de dados (*surveys*) em ambiente de internet, por meio de questionários, com a credibilidade e confiabilidade de processos de recrutamento presencial (Wachelke, Natividade, De Andrade, Wolter & Camargo, 2012). Esse tipo de estratégia, ao reconhecer que o recrutamento realizado pela internet livremente em sites e comunidades pode gerar vieses indesejados na amostra (Wachelke & De Andrade, 2009), propôs um contato presencial pouco invasivo.

Após autorização de coordenadores de cursos universitários de instituições públicas e particulares de oito estados brasileiros, assistentes de pesquisa treinados como recrutadores foram a salas de aula de cursos de graduação diversos em horário letivo e convidaram brevemente (em 5 a 10 minutos) os alunos presentes a participarem. Para tal, após a explicação da natureza da pesquisa (opinativa, sobre temas da vida social dos estudantes), os estudantes voluntários cadastraram seus emails para posterior contato. Alguns dias após o convite foram enviadas mensagens de email aos usuários cadastrados, contendo um link para um questionário *online*, devidamente precedido por termo de consentimento e instruções, o qual foi respondido pelos participantes.

Participantes

Os participantes que responderam ao instrumento completo após se cadastrarem foram em número de 1203, dos quais 65% (782) eram do sexo feminino. As idades dos participantes variaram de 16 a 56 anos, com média de 22,62 anos (desvio padrão de 5,83), e mediana de 21 anos. Esses participantes foram recrutados em aulas de cursos envolvendo todas as grandes áreas do conhecimento (exatas, humanas, saúde, artes, educação física, socioeconômicas...) junto a instituições públicas e particulares visitadas nos estados de Pernambuco, Bahia, Santa Catarina, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Rondônia, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Norte.

Perguntou-se aos participantes seu estado de residência, observando-se boa diversificação. O estado com mais residentes foi o Espírito Santo (297 ou 24,8%), seguido de Rio Grande do Sul (218, ou 18,2%), Rio Grande do Norte (171 ou 14,3%) e Rondônia (122 ou 10,2%).

Instrumento

O instrumento utilizado foi um questionário online construído na plataforma gratuita Google Docs, recurso próprio para construção e difusão de formulários na internet. Os participantes responderam a questionários opinativos sobre um de três temas: curso superior, namoro ou emprego. As questões eram fechadas e tratavam majoritariamente da

adesão dos participantes a crenças e opiniões sobre esses temas; esses itens temáticos não serão tratados aqui. Foi pertinente para o presente estudo a inclusão dos seis itens adaptados para constituir a escala de identificação com o grupo, que foram apresentados duas vezes: uma para o grupo de referência “jovens” (por exemplo, item 1: “penso frequentemente sobre o fato de que sou um jovem”) e outra para o grupo de referência “estudantes universitários”. Todos os 1203 participantes responderam às duas escalas ao fim das questões opinativas, antes de questões demográficas (sexo, idade, estado de residência).

Para as duas apresentações da escala de identificação grupal, a modalidade de resposta aos itens foi a escala de Likert, em que os participantes indicariam o grau de concordância com as afirmativas. As escalas tinham 7 pontos, com âncoras de 1, “discordo fortemente” a 7, “concordo fortemente”.

Análise de dados

Para análise de dados, além de estatísticas descritivas referentes ao conjunto de itens, foram realizadas análises de componentes principais e também análise confirmatória para verificar a validade de construto da escala e colocar a teste sua unidimensionalidade. Foi calculado o índice alfa de Cronbach para avaliar sua fidedignidade. O programa R foi utilizado para análise de dados (R Development Core Team, 2012), especialmente os pacotes *lavaan* (Rosseel, 2012) e *psych* (Revelle, 2012).

Resultados

Uma análise inicial da distribuição de todos os itens separadamente apontou concentração da distribuição no lado positivo da distribuição, isto é, valores elevados (*negative skewness*). Isso é esperado, dado que a amostra foi construída tendo como característica central o fato de serem estudantes, e houve predomínio de estudantes jovens. Seguindo procedimentos apontados por Howell (2007) e Tabachnick e Fidell (2007), optou-se por uma transformação logarítmica dos dados. A transformação segundo a qual: “novo valor = $1 / \log_{10}(K-X)$ ”, em que $K = 8$ (o valor mais alto possível no item + 1) e X é o valor original, resultou em distribuições próximas da distribuição normal e por esse motivo foi adotada nas análises subsequentes.

Primeiramente decidiu-se fazer a análise referente à escala de identificação com os jovens. Fez-se a opção por dividir a amostra total aleatoriamente em 2, uma com 600 participantes (amostra 1) e a outra com 603 (amostra 2). Dessa maneira, foi possível realizar análise de componentes principais junto à amostra 1 e buscar confirmar a estrutura resultante junto à amostra 2.

Para realizar a análise de componentes principais com a amostra 1, calculou-se o KMO que teve resultado de 0,87. O teste de esfericidade de Bartlett foi significativo ($\chi^2 = 2085,6$; $gl = 15$; $p < 0,001$). Realizou-se uma análise paralela (Horn, 1965) com 1000 amostras aleatórias que indicou como primeiro autovalor gerado a partir de dados aleatórios 1,13, seguido por 1,07. A análise de componentes principais gerou o primeiro componente com autovalor empírico 3,97 e o segundo com autovalor 0,66, inferior ao aleatório, assim indicando estrutura com apenas um componente. O componente único explicou 66% da variância dos 6 itens. A Tabela 1 indica as cargas dos itens no componente; observa-se que todas tiveram valores elevados, variando de 0,74 até 0,90. Por sua vez, o índice de confiabilidade alfa de Cronbach teve valor de 0,90. A média geral obtida na escala (média

dos 6 itens), com escores originais não transformados, foi de 5,23 (IC 95% = 5,11 - 5,35), com desvio padrão 1,43, apontando o padrão já constatado na inspeção inicial dos dados de concentração em valores elevados².

Tabela 1 - Cargas fatoriais dos itens da escala adaptada de identificação com o grupo dos jovens na amostra 1 (N = 600).

Itens	Cargas
5. Ser um jovem é uma parte importante de como me vejo.	0,9
3. O fato de que sou jovem é uma parte importante da minha identidade.	0,87
2. Vejo a mim mesmo como um jovem.	0,83
1. Penso frequentemente sobre o fato de que sou um jovem.	0,76
6. Os jovens são um grupo importante para mim.	0,77
4. Identifico-me com outros jovens.	0,74

Buscou-se verificar a adequação da solução unidimensional com análise confirmatória junto à amostra 2 (N = 603). Uma análise fatorial confirmatória, com método de estimação por máxima verossimilhança, mostrou razoável adequação de um modelo com um único fator e covariação dos erros relativos a alguns itens ($\chi^2 = 7,1$; $gl = 3$; $p = 0,07$; CFI = 0,998; TLI = 0,988; RMSEA = 0,048, IC 90% = 0 - 0,094; SRMR = 0,011) (ver Figura 1). O alfa de Cronbach para a escala junto à amostra 2 foi de 0,86. A média geral de identificação com jovens obtida na amostra 2 foi 5,34 (IC 95% = 5,23 - 5,44), com desvio padrão 1,3.

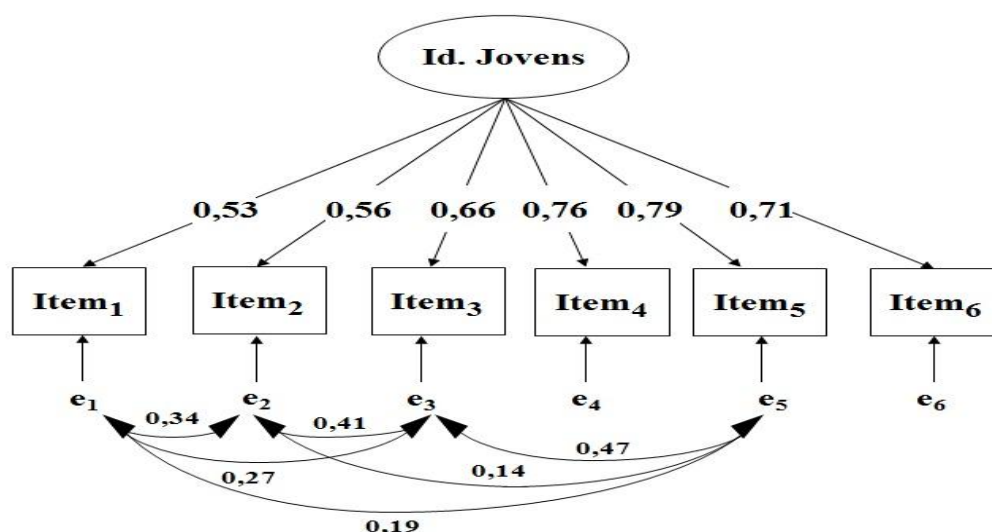


Figura 1 - Diagrama referente à análise fatorial confirmatória dos itens da escala de identificação com o grupo dos jovens na amostra 2 (N = 603).

Para verificar se a escala se comportaria de modo semelhante quando os grupos de referência fossem alterados, buscou-se testar o ajuste do mesmo modelo testado junto à amostra 2 a respeito do grupo de jovens, porém com a amostra global (N = 1203) e tendo como base os itens da escala de identificação com o grupo de estudantes universitários. Note-se que o modelo testado (ver Figura 2) incluiu as mesmas covariações dos erros dos itens representados na Figura 1.

Os resultados indicam bom ajuste do modelo também com os itens voltados para o grupo estudantes universitários, junto à amostra global ($\chi^2 = 23,2$; gl = 3; $p < 0,001$; CFI = 0,994; TLI = 0,969; RMSEA = 0,075, IC 90% = 0,048 - 0,105; SRMR = 0,012). Para essa segunda escala, a média geral com os escores não transformados foi 6,02 (IC 95% = 5,97 – 6,08), com desvio padrão 0,99, indicando ainda mais polarização dos participantes em relação à alta identificação que o que foi observado em relação à identificação com os jovens. O alfa de Cronbach da escala de identificação com estudantes universitários foi de 0,86.

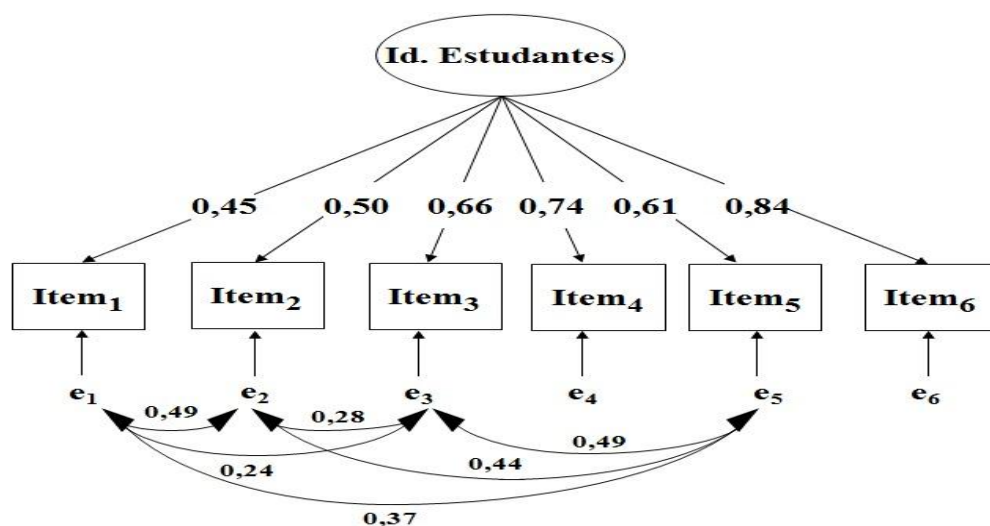


Figura 2 - Diagrama referente à análise fatorial confirmatória dos itens da escala de identificação com o grupo dos estudantes universitários na amostra global ($N = 1203$).

Discussão

O estudo de adaptação permitiu avaliar a viabilidade de uma medida breve, geral e unifatorial de identificação com o grupo, tendo obtido resultados satisfatórios: tanto em análises exploratórias quanto confirmatórias, junto a blocos amostrais diferentes e direcionada a dois grupos de referência diferentes, os itens comportaram-se bem como escala. Isso é atestado pela solução da análise de componentes principais, explicando boa porção da variância dos itens e apresentando cargas elevadas com o componente, e também pelos indicadores de ajuste do modelo testado, inclusive reproduzindo as covariâncias de erro para dois grupos de referência; e finalmente, pelos índices alfa de Cronbach, sempre superiores a 0,85.

Trata-se de um instrumento que pode dar acesso a informações pertinentes para processos voltados para a identidade e identificação social ou então para prover aspectos complementares a investigações originalmente com outras finalidades, como modo de controle da relação entre indivíduo e grupo. Pode ser facilmente adaptado em questionários impressos ou *online*, com instruções típicas de escalas Likert, isto é, variações em torno de “assinale a opção de resposta que melhor corresponde à sua opinião ou posição a respeito de cada frase”, ou “marque a alternativa indicando o quanto concorda com cada frase”, e assim por diante. O texto dos itens está presente na Tabela 1, e a ordem de apresentação é indicada pela numeração dos itens na mesma tabela.

Seria aconselhável manter as modalidades de resposta com somente os extremos etiquetados (“discordo fortemente” e “concordo fortemente”), com sete opções de resposta posteriormente codificadas de 1 a 7, mas não há motivos para crer que alterações na grade de respostas pela mudança de número de modalidades (por exemplo de 7 para 6, 5, 4 ou outro, incluindo ou não ponto central) ou incluindo âncoras textuais para todas as modalidades (“discordo fortemente”, “discordo em parte”...) afetem substancialmente o comportamento da medida. Conforme literatura revisada por Pasquali (1999), não há vieses ocasionados por alteração da quantidade de pontos desse tipo de escala em termos da distribuição dos resultados, tempo de resposta, consistência interna, estabilidade teste-reteste e validade concorrente e preditiva. De todo modo, análises exploratórias ou o cálculo do alfa permitem avaliar e apontar eventuais diferenças.

Um aspecto importante que é sugerido pelas análises realizadas é uma certa robustez em termos da variação do grupo de referência nos itens. Com grupos de referência “jovens” e “estudantes universitários”, a escala mostrou comportamento notadamente semelhante. Pressupõe-se que com outros grupos isso seja reproduzido ao menos em termos de aproximação razoável. Porém, somente o acúmulo de dados de pesquisas contemplando pertencas grupais diferentes poderá fornecer evidências para essa hipótese. Análises para avaliar validade de construto e fidedignidade indicarão a existência ou não dessa compatibilidade. Eventuais divergências podem indicar aspectos a serem aprimorados, mas também não se pode descartar a possibilidade de que apontem indícios de diferenças em termos de tipos de grupos envolvidos e processos implicados por essas pertencas na relação com o indivíduo. Nesse caso, pode abrir-se uma linha de pesquisa produtiva.

A consideração da relação entre indivíduo e grupo, em termos do sentimento de pertença e seus aspectos emocionais vivenciados pelo indivíduo é importante para conceber a ação do grupo no comportamento e pensamento individual. Uma maior identificação está associada a maior efeito, por exemplo, de normas do grupo nas ações individuais que estão sob sua influência. Isso é particularmente pertinente quando há processos sócio-identitários em jogo. Jetten *et al.* (1997) realizaram uma pesquisa que apontou que estudantes universitários fortemente identificados com seus grupos universitários agem em maior concordância com normas grupais referentes à percepção de pessoas de outros grupos que os membros com baixa identificação. Já um estudo de Terry e Hogg (1996) mostrou que a identificação com o grupo pode moderar a intenção de seguir normas grupais; pessoas com alta identificação seguiram normas grupais, e pessoas com baixa identificação não.

Mas e como e por que caracterizar a identificação com o grupo em estudos de psicologia social? Que diferença a inclusão dessa variável em um projeto de pesquisa pode fornecer? Para abordar esse ponto, será feita uma breve avaliação de sua pertinência para estudar um tipo de processo psicossocial. Um campo em que a identificação grupal é essencial, e infelizmente é frequentemente negligenciada, é o das representações sociais e conhecimento social. As representações sociais são conteúdos estruturados sobre algum fenômeno ou objeto social relevante, os quais incorporam aspectos simbólicos, cognitivos, avaliativos e afetivos e são compartilhados por grupos (Wagner, 1994). De acordo com Flament e Rouquette (2003) uma representação social é um conjunto de elementos cognitivos a respeito de um objeto social, isto é, um tema ou assunto pertinente para a vida social. Esses elementos têm relações entre si, e que tanto os elementos quanto as relações são legitimados por um grupo social. Por sua vez, o conhecimento social pode ser definido como qualquer variedade de conhecimento que tem por sujeito uma entidade coletiva.

Assim, representações sociais seriam um tipo específico de conhecimento social, um conjunto estruturado de convenções sociais sobre um objeto, convenções estas que se associam a um grupo e funcionariam como um código prático para lidar com o objeto (Wachelke, 2012).

Dois dos principais campos de interesse na área das representações sociais são o estudo da relação entre representações e práticas ou comportamentos e a relação entre representações sociais e individuais (Wachelke & Camargo, 2007). Ainda que se reconheça que essas relações não são lineares ou unidirecionais (Abric, 1994; Wagner, 1995; Rouquette, 1998), pode-se dizer que, simplificando um pouco a questão, um dos principais interesses de pesquisas básicas e aplicada em representações sociais é entender quando uma representação social permitiria prever as representações ou comportamentos individuais.

Porém, é evidente que tal projeto de investigação das condições em que essa relação de influência ocorre e suas características particulares só pode fazer sentido se houver alguma evidência de que o indivíduo sinta-se pertencente, ligado, identificado à instância coletiva, ou grupo, que é sujeito específico de uma representação social ou estrutura de conhecimento social. Justamente, Wagner (1995) cita Devereaux para sustentar que os fatos sociais devem ser transformados em entidades mentais individuais para explicar processos individuais de comportamento; Wachelke (2012) aponta que o conhecimento social necessita de algum modo ser convertido em conhecimento pessoal para dar conta de comportamentos ou crenças. Assim, a verificação de possibilidade dessa passagem ou influência entre níveis pode se dar por meio da constatação de nível elevado ou ao menos razoável de identificação com um dado grupo associado a uma representação. No caso de baixa identificação, quais evidências ou argumentos teria um pesquisador para justificar que o conhecimento social tenha algum peso sistemático em processos individuais? Não muitos. Usando a terminologia de Wagner (1994), um grupo com membros não identificados seria tão somente um grupo nominal artificial delimitado pelo pesquisador com base em regularidades, uma categoria sem efeito real nos processos psicológicos dos indivíduos, em oposição a um verdadeiro grupo de referência.

Algumas pesquisas buscaram incluir, ainda que de modo simples, a consideração da identificação com o grupo para justificar a busca de consensos ou regularidades na amostra. Um exemplo: Wachelke e Lins (2008) investigaram representações sociais de jovens universitários sobre o envelhecimento e caracterizaram a identificação dos participantes com o grupo dos jovens, com uma adaptação não validada da escala de Likert proposta por Doosje *et al.* (1995). Os autores observaram uma média de identificação significativamente mais alta que o ponto médio da escala, justificando considerar os participantes como identificados com o grupo dos jovens, de modo geral. Esse procedimento ao menos fornece alguma legitimidade, ainda que inicial, para lidar com uma representação social de tal grupo, generalizando a partir de dados individuais. Outros procedimentos mais sofisticados permitiriam avaliar se os níveis de identificação atuam como mediadores ou moderadores de processos de representação social.

Não somente para a área das representações sociais, mas também para os campos de interesse voltados para a abordagem da identidade social e relações intergrupos (Hogg, 2006), e para quaisquer estudos em que seja pertinente avaliar a ligação entre instâncias individuais e coletivas, há espaço para avanços com a caracterização da identificação grupal. A escala apresentada, evidentemente, é uma primeira aproximação e compreende um nível

geral de caracterização do fenômeno; investigações mais detalhadas eventualmente exigirão a mensuração da identificação grupal em termos fatoriais, possivelmente adaptando ou inspirando-se no modelo hierárquico de Leach *et al.* (2008).

Outra limitação da medida apresentada também diz respeito à possibilidade de melhorar o modelo, o que é evidenciado pela grande quantidade de erros correlacionados. Isso indica espaço para reformulação dos itens, atestada também pelos índices de ajuste da análise confirmatória, os quais foram aceitáveis mas podem certamente ser otimizados. De todo modo, apresenta-se à comunidade brasileira um instrumento com parâmetros satisfatórios, que se espera que possa oferecer uma modesta contribuição para futuros projetos nacionais voltados para a psicologia social envolvendo a relação entre grupos e o comportamento e pensamento de indivíduos.³

Referências

- Abric, J.-C. (1994). Pratiques sociales, représentations sociales. Em J.-C. Abric (Org.). *Pratiques sociales et représentations* (pp. 217-238). Paris: PUF.
- Bhowon, U., & Tseung-Wong, C. N. (2004). Group identification as a multidimensional construct: the case of ethnicity. *IFE Psychologia*, 12(2), 97-98.
- Bouas, K. S., & Arrow, H. (1996). The development of group identity in computer and face-to-face groups with membership change. *Computer Supported Cooperative Work*, 4, 153-178.
- Brown, R. J., Condor, S., Mathews, A., Wade, G., & Williams, J. A. (1986). Explaining intergroup differentiation in an industrial organization. *Journal of Occupational Psychology*, 59, 273-286.
- Cameron, J. (2004). A three-component model of social identification. *Self and identity*, 3, 239-262.
- Camino, L., & Torres, A. R. R. (2011). Origens e desenvolvimento da psicologia social. Em L. Camino, A. R. R. Torres, M. E. O. Lima & M. E. Pereira (Orgs.), *Psicologia social: temas e teorias* (pp. 23-99). Brasília: Technopolitik.
- De Cremer, D. (2000). Effect of group identification on the use of attributions. *Journal of Social Psychology*, 140, 267-269.
- Demoulin, S., Cortes, B. P., Tendayi Viki, G., Rodriguez, A. P., Rodriguez, R. T., Paladino, M. P., & Leyens, J.-P. (2009). The role of in-group identification in infra-humanization. *International Journal of Psychology*, 44, 4-11.
- Doise, W. (1982). *L'explication en psychologie sociale*. Paris: PUF.
- Doosje, B., Branscombe, N. R., Spears, R., & Manstead, A. S. R. (1998). Guilty by association: when one's group has a negative history. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75, 872-886.
- Doosje, B., Spears, R., & Ellemers, N. (1995). Perceived intragroup variability as a function of group status and identification. *Journal of Experimental Social Psychology*, 75, 872-886.

³Notas do autor:

1 - No caso de referências originalmente em língua inglesa, os itens foram traduzidos para o português livremente pelo autor.

2 - Cabe apontar que uma análise de componentes principais realizada com os dados originais sem transformação foi muito semelhante. O KMO teve valor 0,88, o primeiro componente teve autovalor 4,04 e explicou 67% da variância, e um segundo componente teve autovalor 0,72, inferior ao aleatório. As cargas dos itens no componente variaram de 0,73 até 0,91, e o alfa também obteve valor 0,90.

- Doosje, B., Spears, R., & Ellemers, N. (2002). Social identity as both cause and effect: the development of group identification in response to anticipated and actual changes in the intergroup status hierarchy. *British Journal of Social Psychology*, 41, 57-76.
- Duckitt, J., Callaghan, J., & Wagner, C. (2005). Group identification and outgroup attitudes in four South African ethnic groups: a multidimensional approach. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 31, 633-646.
- Farr, R. (1998). *As raízes da psicologia social moderna*. Petrópolis: Vozes.
- Fisher, R. J., & Wakefield, K. (1998). Factors leading to group identification: a field study of winners and losers. *Psychology & Marketing*, 15, 23-40.
- Flament, C., & Rouquette, M.-L. (2003). *Anatomie des idées ordinaires*. Paris: Armand Colin.
- Hogg, M. A. (2006). Social identity theory. Em P. J. Burke (Org.). *Contemporary social psychological theories* (pp. 133-157). Palo Alto: Stanford University Press.
- Hogg, M. A., & Abrams, D. (1988). *Social identifications: a social psychology of intergroup relations and group processes*. Londres: Routledge & Kegan Paul.
- Hogg, M. A., Cooper-Shaw, L., & Holzworth, D. W. (1993). Group prototypicality and depersonalized attraction in small interactive groups. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 19, 452-465.
- Horn, J. L. (1965). A rationale and test for the number of factors in factor analysis. *Psychometrika*, 30, 179-185.
- Howell, D. C. (2007). *Statistical methods for psychology* (6^a ed.). Belmont: Thomson Wadsworth.
- Jetten, J., Spears, R., & Manstead, A. S. R. (1997). Strength of identification and intergroup differentiation: the influence of group norms. *European Journal of Social Psychology*, 27, 603-609.
- Kiesner, J., Cadinu, M., Poulin, F., & Bucci, M. (2002). Group identification in early adolescence: its relation with peer adjustment and its moderator effect on peer influence. *Child Development*, 73, 196-208.
- Leach, C. W., van Zomeren, M., Zebel, S. Z., Vliek, M. L. W., Pennekamp, S. F., Doosje, B., Ouwerkerk, J. W., & Spears, R. (2008). Group-level self-definition and self-investment: a hierarchical (multicomponent) model of in-group identification. *Journal of Personality and Social Psychology*, 95, 144-165.
- Luhtanen, R., & Crocker, J. (1992). A collective self-esteem scale: self-evaluation of one's social identity. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 18, 302-318.
- Marques, J., & Paéz, D. (2010). Processos cognitivos e estereótipos sociais. Em J. Vala & M. B. Monteiro (Orgs.). *Psicologia social* (pp. 333-386). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Mead, G. H. (1934). *Mind, self, and society*. Chicago: University of Chicago Press.
- Morrison, K. R., & Ybarra, O. (2008). The effects of realistic threat and group identification on social dominance orientation. *Journal of Experimental Social Psychology*, 44, 156-163.
- Moscovici, S. (1984). Introduction: le domaine de la psychologie sociale. Em S. Moscovici (Org.), *Psychologie sociale* (pp. 5-20). Paris: PUF.
- Moskalenko, S., McCauley, C., & Rozin, P. (2006). Group identification under conditions of threat: college students' attachment to country, family, ethnicity, religion, and university before and after September 11, 2001. *Political Psychology*, 27, 77-97.
- Pasquali, L. (1999). Testes referentes a construto: teoria e modelo de construção. Em Pasquali, L. (Org.). *Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração* (pp. 37-71). Brasília: LabPAM/IBAPP.
- Pimentel, C. E. (2004). *Valores humanos, preferência musical, identificação grupal e comportamento anti-social* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil.
- Pimentel, C. E., Gouveia, V. V., & Fonseca, P. N. (2005). Escala de Identificação com Grupos Alternativos: construção e comprovação da estrutura fatorial. *Psico-USF*, 10, 121-127.
- R Development Core Team (2012). *R: a language and environment for statistical computing*. Vienna: R Foundation for Statistical Computing.
- Revelle, W. (2012). *Psych: procedures for personality and psychological research*. Evanston: Northwestern University. Recuperado de <http://personality-project.org/r/psych.manual.pdf>.

- Rossell, Y. (2012). lavaan: an R package for structural equation modeling. *Journal of Statistical Software*, 48(2), 1-36.
- Rouquette, M.-L. (1998). Representações e práticas sociais: alguns elementos teóricos. Em A. S. P. Moreira & D. C. Oliveira (Orgs.), *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 39-46). Goiânia: AB.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2007). *Using multivariate statistics* (5a ed.). Boston: Allyn and Bacon
- Tajfel, H. (1972). Some developments in European social psychology. *European Journal of Social Psychology*, 2, 307-322.
- Tajfel, H. (1973). La catégorisation sociale. Em Moscovici, S. (Org.). *Introduction à la psychologie sociale*. (vol. 1, pp. 272-302). Paris: Larousse.
- Terry, D. J., & Hogg, M. A. (1996). Group norms and the attitude-behavior relationship: a role for group identification. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 22, 776-793
- van Zomeren, M., Leach, C. W., & Spears, R. (2010). Does group efficacy increase group identification? Resolving their paradoxical relationship. *Journal of Experimental Social Psychology*, 46, 1055-1060.
- Verkuyten, M. (2009). Support for multiculturalism and minority rights: the role of national identification and out-group threat. *Social Justice Research*, 22, 31-52.
- Wachelke, J. (2012). Representations and social knowledge: an integrative effort through a normative structural perspective. *New Ideas in Psychology*, 30, 259-269.
- Wachelke, J., & De Andrade, A. L. (2009). Influência de recrutamento de participantes em sítios temáticos e comunidades virtuais nos resultados de medidas psicológicas aplicadas pela Internet. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 25, 357-367.
- Wachelke, J. F. R., & Camargo, B. V. (2007). Representações sociais, representações individuais e comportamento. *Revista Interamericana de Psicología*, 41, 379-390.
- Wachelke, J. F. R., & Lins, S. L. B. (2008). Changing masks: a masking effect on young people's social representation on aging? *Current Research in Social Psychology*, 13, 232-242.
- Wachelke, J. F. R., De Andrade, A. L., Tavares, L., & Neves, J. R. L. L. (2008). Mensuração da identificação com times de futebol: evidências de validade fatorial e consistência interna de duas escalas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 60, 96-111.
- Wachelke, J. F. R., Natividade, J. C., De Andrade, A. L., Wolter, R. C. M. P., & Camargo, B. V. (2012). Caracterização e avaliação de procedimento de recrutamento presencial para realização de pesquisa online – Reprepon. Em *42a Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, Caderno de Resumos*. SBP: São Paulo. Disponível em http://www.r2012.sbponline.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=169
- Wagner, W. (1994). Fields of research and socio-genesis of social representations: a discussion of criteria and diagnostics. *Social Science Information*, 33, 199-228.
- Wagner, W. (1995). Description, explanation and method in social representation research. *Papers on Social Representations*, 4, 156-176.
- Wann, D. L., & Branscombe, N. R. (1993). Sports fans: measuring degrees of identification with their team. *International Journal of Sport Psychology*, 24, 1-17.
- Wann, D. L., & Branscombe, N. R. (2011). Influence of level of identification with a group and physiological arousal on perceived intergroup complexity. *British Journal of Social Psychology*, 34, 223-235.

Apresentação: 20/10/2012
Aprovação: 15/12/2012